



CONTRIBUIÇÕES DAS FUNÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DO SER PROFISSIONAL

CONTRIBUTIONS OF THE SOCIAL FUNCTIONS OF THE TEACHER IN THE CONSTRUCTION OF THE PROFESSIONAL

CONTRIBUCIONES DE LAS FUNCIONES SOCIALES DEL PROFESOR EM LA CONSTRUCCIÓN DEL PROFESIONAL

Cláudia Santana Santos¹

Rosana Carla do Nascimento Givigi²

Resumo: Este artigo objetiva compreender como as múltiplas funções sociais do professor moldam seu exercício profissional. Para tanto, utiliza os construtos da teoria sociológica de Norbert Elias, que parte de sua teoria figuracional, refletindo como as cadeias de interdependências apresentam-se nos contextos escolares com grupos funcionalmente dependentes. Trata-se de um trabalho reflexivo, de base bibliográfica, tendo o alicerce os escritos de Norbert Elias, destacando o Processo Civilizador, A solidão dos moribundos, e A sociedade dos indivíduos, de Norbert Elias, além de artigos e trabalhos publicados que voltem-se ao estudo do autor. A proposta foi uma reflexão sobre a formação do professor, que antes de assumir a função de docente tem sua ação configurada por uma ideologia social e pessoal. Portanto, a análise das teias de interdependência e das configurações pode dar visibilidade as problemáticas presentes na função do professor e contribuir para que a teia social se equilibre.

Palavras-chave: Norbert Elias. Professor. Teoria Figuracional. Teia de Relações.

Abstract: This article aims to understand how the multiple social functions of teachers shape their professional practice. Uses Norbert Elias' sociological theory, in which he starts from his figurational theory, reflecting how the interdependence chains happen in school contexts by interdependent groups of people. It is a reflective work, with a bibliographic basis, having the foundation in texts such as the Civilizing Process, The solitude of the dying, and The society of individuals, by Norbert Elias, in addition to articles and published Works that study this author. Here, we propose a reflection on the formation of the teacher, who, before taking on this role of a teacher, has a

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

² Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.



personal and social ideology. Therefore, to analyze the webs of interdependence and configurations in which teachers are involved, can give visibility to the problems present in the function of being a teacher and contribute to the balance of the social network.

Keywords: Norbert Elias. Teacher. Figurational Theory. Relationship Web.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender cómo las funciones sociales de los docentes dan forma a su práctica profesional. Utiliza la teoría sociológica de Norbert Elias, parte de su teoría figurativa, reflejando cómo aparecen las cadenas de interdependencias en contextos escolares con grupos funcionalmente dependientes. Es una obra reflexiva, con una base bibliográfica, basada en los escritos de Norbert Elias, destacando el Proceso de civilización, La soledad de los moribundos y La sociedad de los individuos, de Norbert Elias, además de artículos y trabajos publicados que referirse al estudio del autor. La propuesta fue una reflexión sobre la formación del docente, quien antes de asumir el rol de docente tiene su acción configurada por una ideología social y personal. Por lo tanto, el análisis de las redes de interdependencia y configuraciones puede dar visibilidad a los problemas en el papel del profesor y contribuir a una red social equilibrada.

Palabras clave: Norbert Elias. Docente. Teoría figuracional. Relación web.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é norteado pela teoria figuracional de Norbert Elias, tendo como objetivo compreender o papel do professor, reconhecendo que as funções sociais correspondem a diferentes figurações que se relacionam, modificam e constroem uma teia de relações, com funcionamentos e configurações diversas.

Para tanto, parte-se da premissa de que a profissionalização e singularização deste sujeito envolve processos múltiplos e históricos, de constantes mudanças, relações de poder e interdependências.

Aqui, acredita-se que, se entendermos o processo de sociogênese, ou seja, como a escola se configura e as distintas funções sociais assumidas pelo professor, por diferentes perspectivas (olhar do aluno, da família, da legislação), entenderemos como está acontecendo o processo de figuração e as mudanças que regem o desempenho da função.

Desta forma, defende-se a ideia de Elias (1993, p. 275), quando afirma que “[...] todo estudo sociogenético deve voltar-se para a *totalidade* do campo social não significa que deva dirigir-se para a soma de todos os fatos específicos, mas para sua estrutura, na inteireza de suas interdependências”.



Para Pantaleão, Gomes e Carvalho (2015), ao se referir a figurações, volta-se ao papel assumido pelos indivíduos em cada contexto, onde são estabelecidas e construídas relações de poder interdependentes. Os indivíduos e a sociedade não são vistos no campo das dicotomias, e sim numa relação funcional de interdependência recíproca.

Baseado nas ideias de Brandão (2001), os autores supracitados afirmam que, por interdependência Elias volta-se a sociedade e nas relações que são estabelecidas entre os sujeitos, de modo que cada um participa de figurações diversas, e se interligam de variadas maneiras.

Até assumir a configuração social atual, as mudanças e o processo de civilização foram gradativas, envolvendo novos significados. Um dos pontos destacados por Elias, segundo Brandão (2001), foi que a motivação para o autocontrole acontece por forças intrínsecas ao sujeito, eliciada pela competição de funções sociais. Desta forma, com a modernização e evolução da sociedade novas funções sociais são formadas e com elas se estabelecem uma nova relação, agora de interdependência.

Segundo Celio Sobrinho e Alves (2013) a sociologia figuracional de Norbert Elias envolve algumas considerações, dentre elas as relações de poder que são estabelecidas no processo de interação, bem como as interdependências entre os sujeitos. Para ele, são nas relações que os sujeitos se transformam e conseguem transformar, trata-se, portanto de um processo mútuo.

Em determinado contexto social, em que os indivíduos são interdependentes, eles assumem figurações específicas que, por sua vez, determinam as relações de poder que existirão em determinado espaço. As relações de poder envolvem mudanças nos aspectos das relações sociais que, por seu turno, estão sempre imersas em teias de interdependências. (PANTALEÃO; GOMES; CARVALHO, 2015, p. 74-75)

A partir de tais ideias, motivadas pela teoria figuracional de Norbert Elias, emerge a pergunta: Como a função social assumida pelo professor na perspectiva social e da comunidade escolar influenciam no seu exercício profissional? Esta advém do juízo de que os diferentes sentidos atribuídos pela sociedade a profissão influencia em sua prática e formam novas figurações.

Para responder essa questão, o texto foi dividido em duas partes: 'Pelo olhar de Norbert Elias', com a proposta de explicar a teoria figuracional do autor; 'A função do professor e a organização do espaço escolar', compilando trabalhos que exponham a função/papel do professor na sociedade.

2 PELO OLHAR DE NORBERT ELIAS



Para Brandão (2001), baseado nos estudos de Norbert Elias, a medida em que acontece o processo de pacificação na sociedade, as pessoas começam a desenvolver um outro tipo de relação, o que Elias chama de controle social, na qual se submetem a observar e serem observadas, assumindo esta nova posição comportamentos são modificados através do autocontrole.

Por meio de exemplos de comportamentos comuns em tempos anteriores, Elias (1990), busca mostrar o processo de mudanças, como alguns perpassam dentro de uma relação espaço-tempo, e a forma como os grupos sociais vão se influenciando quanto aos costumes. Assim, deixa claro como um caráter peculiar vai sofrendo modificações a partir das relações que são estabelecidas no eixo social.

Defende que, a forma de ser está diretamente relacionada a realidade do indivíduo e as relações que são estabelecidas singularmente em seu contexto, que apresentam características e estruturas próprias e não uniforme para toda uma sociedade. Assim, dentro de uma sociedade se tem várias realidades, o que significa dizer várias figurações sociais, com várias configurações (ELIAS, 1990).

Segundo Elias (1990), o controle social promovido através de sanções contribuem para a formação da personalidade humana, que desde cedo aprendem a moldar seus comportamentos através do autocontrole. A pressão para o controle de seus impulsos é tanta que o autocontrole é transformado em *habitus*, sem que possa haver resistência e/ou reflexão sobre isso.

Para Elias (1993), a medida que a sociedade evolui, novas necessidades aparecem, e com eles, uma nova configuração social, com distribuições de vários cargos de trabalho, portanto, múltiplas funções sociais. Ao desenvolver uma abordagem sociológica dos processos sociais, Nobert Elias, queria compreender as alterações estruturais da sociedade, bem como a transformação das sociabilidades. Em sua abordagem sociológica tem como pressuposto a transitoriedade dos modelos sociais de relacionamento e sua relação com as estruturas sociais. Afirma que existe uma relação de interdependência entre os indivíduos, e que é preciso fazer uma análise processual, que recomponha historicamente as figurações sociais.

No entanto, por ser processual busca as interconexões das esferas sociais. Cada nexos se interliga, formando redes interdependentes. Nessas relações sempre há controle de pulsões, nas quais funções superiores impõem determinados tipos de comportamentos. Essas pressões internas são chamadas por Elias (1993) de ritmo, que consistem em ações de todas as funções sociais desempenhadas pelos sujeitos, que se entrelaçam e afetam os comportamentos individuais.



Assim, o que existe é um comportamento exigido, que controla e modela pulsões, dos múltiplos sujeitos, guiando-se a um autocontrole, até a automatização (ELIAS, 1993). Nesta teoria, Elias (1993), prega que no entrelaçamento de teias criam-se vários tipos de dependências, com ela, muda-se a consciência, sentimentos individuais e a própria personalidade, que segundo Elias (1990), não seguem uma projeção retilínea, podendo ocorrer de formas diferentes em cada sujeito.

Compondo esse processo de figuração, as relações interdependentes contribuem para a formação da personalidade pelo controle interno e externo, medida pelas funções do id, ego e superego. O controle de pulsões, antes realizado de forma consciente, com o passar do tempo se naturaliza, fazendo parte do superego, construindo a personalidade do sujeito e assim controlando ações e comportamentos (práticas externas), sentimentos e emoções (práticas internas) (ELIAS, 1993).

Nesta teia de relações, segundo a teoria Eliasiana, convivemos com pessoas formadas dentro de um espaço-tempo, com valores, crenças e costumes de uma época, mas que sofrem mutações, da mesma forma como ajudam a construir novas redes de relações. A transmissão de geração a geração passa por mudanças. Essa transmissão geracional sofre mudanças que são vista na perspectiva de longo alcance.

Em suma, Elias (1994), afirma que a relação entre os distintos sujeitos promoverá tensões e cada sujeito produzirá, com isso, aprendizagens distintas. Assim, modificam-se os sujeitos e, concomitantemente as relações também demudam, e novas tensões são geradas. Desta forma acontece a individualização do indivíduo dentro da rede social de relações.

A partir deste contexto, Elias (1990), deixa claro como um caráter peculiar vai sofrendo modificações a partir das relações que são estabelecidas no eixo social. Desta forma, como a mudança no eixo sociogênico vai promovendo mudanças na psicogênese dos indivíduos e altera as relações sociais.

Para Elias (1990), as mudanças fazem parte de transformações maiores, que envolvem sentimentos e atitudes pessoais, motivadas por uma estrutura social e pelas relações sociais. Nesta perspectiva afirma que, dentro da teia de relações os sujeitos,

[...] absorvem o código dos grupos superiores e passam, assim, por um processo de assimilação. Seu controle de paixões, sua conduta, obedecem às regras dos grupos superiores. Parcialmente, identificam-se com eles e mesmo que a identificação possa revelar fortes ambivalências, ainda assim sua própria consciência, a instância do superego, segue mais ou menos o modelo dos grupos superiores (ELIAS, 1993, p. 296).



Acredita que, pela disputa de poder dentro das relações pessoais, e o medo de perder postos historicamente assumidos, essa interdependência assumida nas relações sociais é o que mobiliza o homem para as mudanças, dentre elas, o controle de pulsões (ELIAS, 1993). As tensões externas e internas vividas nas relações sociais em diferentes contextos, segundo Elias (1993) originam ansiedades, proibições, restrições e medos, que são criados de acordo com a realidade ao qual o sujeito está situado, desta forma, a classe econômica mais favorecida desenvolve determinadas realidades e figurações sociais, diferente daquelas menos favorecidas.

Por outro lado, essas relações de poder não são unilaterais, sendo um processo mútuo, no qual os sujeitos, em relações, se transformam, pela interdependência assumida, um exemplo é que Elias (2012) traz, ao afirmar que:

As coisas não se limitam ao poder dos pais sobre os filhos e, normalmente, os filhos, inclusive os recém-nascidos, também exercem um poder sobre os pais [...] os filhos cumprem uma função para os pais, representam o cumprimento de determinados desejos e necessidades (ELIAS, 2012, p. 475).

Fica claro assim, que, as relações de afetos são modificadas, culminando em uma reconfiguração das relações de poder, nesta relação de interdependência existe sentidos múltiplos, diretamente relacionados com as pessoas envolvidas da relação. Esses sentidos, segundo Elias (2001), são formados por pessoas em interação social, que se interconectam e a partir daí formulam sentidos para as relações que são estabelecidas e dos vínculos afetivos criados.

Desta forma, indaga-se que na sociogênese da escola, com uma organização própria, composta por múltiplos sujeitos, com múltiplas funções e múltiplas teias de relações sociais, se forma um professor, que além de sua configuração pessoal, se lapida dentro de exigências atribuídas por outras funções sociais distintas.

Igualmente, possui uma psicogênese, estabelecida em relações de poder mutáveis, com sentidos variáveis, relações estas que estimula ou debilita o sentido de ser professor.

Não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social — seja este qual for. Mas isso não significa nem que o indivíduo seja menos importante do que a sociedade, nem que ele seja um “meio” e a sociedade, o “fim”. A relação entre a parte e o todo é uma certa forma de relacionamento (ELIAS, 1994, p. 17).

3 A FUNÇÃO DO PROFESSOR E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR



Esta parte do texto busca discutir a realidade do professor e a forma como a sociogênese (da instituição escolar), vem a contribuir para a figuração do professor, retratando as exigências da profissão, as responsabilidades e dificuldades enfrentadas na prática. Muitas vezes as questões educacionais são vistas como demandas do mercado, com isso os docentes tem sua força de trabalho mercantilizada e seus direitos expropriados (BRITO, *et al.*, 2017).

Desde a reformulação do sistema de ensino, com a primeira República, objetiva-se moldar e preparar o professor para modelos pedagógicos vigentes, havendo necessidade de cumprir regras, normas e práticas a favor de um objetivo maior, estipulado por instâncias superiores.

Um exemplo disso foi o que aconteceu em Sergipe, que na primeira República, segundo Azevedo (2009), diferente do mestre-escola, o professor deveria possuir outra cultura. Para isso, a Diretoria de Instrução Pública do estado modelou o cotidiano do professor, os habilitando para executar seu papel, guiando os alunos para a instrução educacional e moral.

Com o intuito de modernização, segundo Berloff e Machado (2012), os republicanos consideravam a escola a chave para regeneração da nação e, propuseram, então, a reorganização do ensino com os propósitos de formar uma sociedade civilizada, patriótica, almejando progresso no âmbito econômico, social e político.

Para isso faziam uso da aprendizagem para obediência, como molde para atingir a ordem e o progresso, tendo a escola a função de disciplinar, garantindo, assim os avanços sociais, políticos e econômicos (BERLOFFA; MACHADO, 2012).

Analisando a partir dos processos históricos é possível compreender alguns vínculos entre ciclos históricos e as relações estabelecidas entre o econômico, o educacional e o poder. Porém, esses ciclos históricos são interpretados de diferentes maneiras e metodologicamente nos coloca diante de um grande desafio, o de analisar criticamente essas relações de poder e o tempo histórico (RUDD; GOODSON, 20016).

Segundo Veiga (2012), na popularização da escola a formação da profissionalização do professor compôs a mudança na sociedade, com ações vinculadas a formação política de futuras gerações, com mudanças nas relações entre crianças e adultos e professor-criança. Desta forma, implementa-se um processo de coerção, almejando mudanças de valores e atitudes, atribuindo-se a escola a função de moralização.

Remetendo-se a um processo histórico entre os séculos XIX e XX, para expor as mudanças e a forma como a profissionalização do professorado foi se constituindo, Veiga (2012) expõe seus achados, demonstrando como a realidade e organização social influenciou na constituição da



profissão, criando novas configurações e exigências. Para isso criam-se leis para regulamentar e regular a prática do professor, reduzir as tensões criadas na relação e estimular a prática profissional.

Para Morgado (2016) o professor foi modificando sua função conforme as exigências de cada momento histórico. Uma marca disto é que apesar de ainda conservarmos uma visão ortodoxa de currículo, há também a necessidade articular os saberes das diversas áreas de conhecimento. Mas para que isso aconteça é preciso uma mudança do professor, em sua dinâmica de aula, em suas práticas educativas.

Fino (2016, p. 15) traz a questão do currículo enquanto “fonte de mesmice e ortodoxia”. Isto é, do modo que se tem constituído não há espaço para transgressões, não existe inovação e o currículo torna-se um instrumento para conservar rígidos modos de exercer a pedagogia e de certa forma regular o professor.

A educação ao longo da história tem passado por vários confrontos epistemológicos. As práticas educativas são permeadas por essas concepções e discursos. Pacheco e Souza (2016), ao discutirem o currículo, ressaltam que não é possível pensar numa mudança sem considerar a racionalidade neoliberal presente nas políticas e práticas educacionais. Os autores analisam epistemologicamente a modernidade crítica e a pós-modernidade, e seus distanciamentos teóricos. A adesão a uma ou outra forma de leitura da educação irá aproximar o professor a olhar o currículo como universal, ou a valorizar a subjetividade.

As mudanças ocorridas na perspectiva do papel do professor, segundo Esteves (2014), é variável e, proporcional ao tempo. Na atualidade o que vemos é um trabalho moldado por poderes públicos que ao mesmo tempo que intercedem, limitam o professor por um vasto sistema de regulamentos e leis.

Sabe-se que a escola contemporânea possui vários cargos, dentre eles, a equipe gestora, docentes (professores) e de apoio educacional (auxiliares da educação, agentes escolares, agentes de apoio, auxiliares técnicos e etc)³. Cada uma das equipes possuem objetivos, direitos e deveres diversos a serem desenvolvidos dentro da instituição.

Aos docentes, segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), cabe participar da elaboração da proposta pedagógica; elaborar e cumprir seu plano de trabalho; prezar

³ Decreto nº 54.453, de 10 de Outubro de 2013.



pela aprendizagem do aluno; pensar em estratégias de recuperação para aqueles que têm baixo rendimento; e participar em atividades que articulem a família-comunidade-escola.

Pedro (2017), em seu trabalho aponta a necessidade de reconfigurar o espaço educativo. Faz uma relação entre as metodologias ativas de aprendizagem e a própria organização do espaço, afirmando que o ambiente educativo pode contribuir na relação entre aluno e professor, e entre os alunos. Ressalta a importância de uma sala de aula que tenha múltiplas oportunidades para desenvolver a aprendizagem dos alunos.

Charlot (2012a.) defende que a escola é um local para o aluno aprender e não para a prática de ensino do professor, mas este também representa um patrimônio cultural e de saber, que ao ser construído por gerações anteriores, aprende e dissipa a ideia de que o papel do professor é ensinar. Assim, perpetua ideias de que ao serem representantes de uma espécie, de uma sociedade, geração e cultura, cabe-lhe a função de transmissão de conhecimentos, saberes e valores.

Baseado nas ideias do autor pode-se afirmar que, além de lidarem com as exigências e configuração assumida pela escola e sociedade quanto às atribuições de suas funções, o professor exerce uma função modelada por perspectivas próprias e culturais, adquiridas no decorrer de sua formação profissional e pessoal.

É o que mostra o trabalho de Maknamara (2016), que busca refletir sobre suas vivências escolares de forma crítica, expondo como as diferentes experiências adquiridas no decorrer da vida, enquanto aluno; como filho; irmão e agora professor; nos diferentes meios de vivência, no espaço escolar e na família, proporcionam aprendizagens que o constrói e o habilita a se tornar professor, responsável e atento à demanda de seus alunos.

Para isso, o professor em busca de construir sua autonomia precisa considerar as contradições da sociedade e a compreensão do que é a escola atualmente. Reconhecendo que é necessária uma formação continuada vinculada aos problemas que se apresentam na escola, com domínio de conhecimentos que colaborem para criar processos emancipatórios com seus alunos em sala de aula (SAMPAIO, *et al.*, 2018).

Já para o aluno o professor é o responsável pelo processo de aprendizagem, não se trata de aprender, sim de fazer o que o professor diz (CHARLOT, 2012b), contudo, o que mobiliza a atividade profissional do professor é a mobilização do aluno.

Neste contexto, Leite *et al.* (2016), em uma pesquisa realizada com 12 adolescentes entre 13 e 15 anos, em contexto de vulnerabilidade, relatam que os sujeitos de sua pesquisa veem a escola



como um local de aprendizagem, de encontro entre amigos, um local de proteção, cabendo ao professor a função passar um conteúdo, de estabelecer relações com seus alunos.

Igualmente, há relatos de que um bom professor é aquele que motiva, que permite o diálogo, que explica, que possibilita momentos de descontração em sala de aula; enquanto os professores ruins são aqueles que brigam com seus discentes, que dificultam uma relação (LEITE *et al.*, 2016).

Nesta perspectiva, Silva e Marques (2020), trazem o papel ativo do aluno nessa configuração do espaço escolar, não meramente pelas relações, mas por trazerem opiniões quanto a como deve se configurar e organizar o espaço escolar. Desta forma, para eles, o professor e a equipe pedagógica não são os únicos que devem configurar o ambiente escolar, o que contraria muitas ideias e propostas anteriores sobre a relação de poder das instituições de ensino. Os autores nos levam a uma reflexão sobre o aluno sendo um membro existente na base escolar e pouco 'ouvido' nessa relação.

Segundo Barbosa (2009), a escola assume a posição de modeladora de comportamento, tal afirmação parte do pressuposto de que, com aumento das figurações, na sociedade moderna, as funções se diferenciaram e a internalização do autocontrole, a transformações de pulsões transporão as funções da família, sendo atribuída também a escola.

Para Barbosa (2009), a educação vai assumindo novos papéis a partir do momento em que a família deixa de assumir determinadas funções, uma delas é a contribuição para a formação da personalidade do aluno. Na escola o indivíduo busca identificação com seu grupo e isto lhe dará certa regularidade do comportamento e da estrutura da personalidade. Portanto, a escola tem responsabilidade pelo sucesso do aluno e a responsabilidade pela ascensão social.

Já Celio Sobrinho (2012), parte da hipótese de que a resignificação da educação de pessoas com deficiência por parte da sociedade estabelece uma balança de poder nas figurações dos grupos que compõem este processo. Seus estudos mostram que os novos saberes construídos na sociedade atual, recebe influência da figuração social assumida pela tríade, família-profissional da educação e administração pública.

Nesse estudo Célio Sobrinho (2012), revela que cada grupo de profissionais toma para si determinadas funções e responsabilidades, que são mutáveis, e na sociedade atual, os novos significados e sentidos atribuídos a educação vem promover uma nova figuração social, com novas condições na balança de poder.



Buscando expor os dilemas e perspectivas na relação família e escola, a investigação feita por Pantaleão, Gomes e Carvalho (2015), foi pautada na sociologia figuracional de Norbert Elias. E, analisando as falas dos participantes do grupo, objetivava-se entender a relação família e escola. Nesse estudo se defende que, com a transformação econômica e social, transforma-se também a família e a escola, desta forma, pode-se criar uma ideia de família e escola que não mais existe.

Para os autores, embora a realidade seja outra, algumas considerações ainda persistem, dentre elas a função e papel do professor. Outro resultado encontrado é a perpetuação de uma crença histórica que atribui a escola a responsabilidade pela formação do aluno quanto as normas de civildade; local para modelação de comportamento.

Bulgraen (2010, p. 37), defende que o papel do professor é mediar um saber formulado dentro de princípios históricos, a ação pedagógica do professor, por sua vez, consiste em uma “prática social”. Desta forma, trata-se de uma profissão que forma um sujeito crítico-reflexivo, conhecedor de conteúdos histórico-culturais.

Para isso, necessita se adaptar a realidade do alunado e as condições contemporâneas para potencializar ainda mais o processo de ensino-aprendizagem do aluno, mesmo que esta esteja longe de sua realidade ou experiências anteriores (CONCEIÇÃO; PORTO; OLIVEIRA, 2018).

Já Recco, Souza-Neto e Vedovatto-Iza (2016), ressaltam a importância do trabalho coletivo e a resignificação que o papel do professor teve com o passar do tempo, reconhecendo a docência dentro de um processo interativo, dado entre educadores; educadores e educandos; e educadores e meio profissional. Defendendo, assim, a formação da docência no espaço de atuação profissional e acadêmico, onde adquirem experiências e conhecimentos adversos.

Esses múltiplos espaços e encontros, segundo Fernandes, Viana e Scareli (2016, p. 231), “vão compor, decompor, recompor o professor-em-formação, em intensidades que irão aumentar ou diminuir sua potência de agir-professor [...]”. Assim, acreditam em uma formação *continuum*, de forma inacabada, não restrito a um aqui/agora ou a uma etapa, mas envolvendo um processo histórico, de formação pessoal e cultural, estabelecida nas relações que se multiplicam com o exercer da profissão.

Para tanto, compartilha-se da ideia de Esteves (2014), ao afirmar que a profissionalização do professor acontece nas relações dialéticas entre as motivações e mobilização profissional; e as diversas formações profissionais e contextos de atuação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fala-se aqui de sujeitos múltiplos, configurados em variados espaços de relações, inclusive no espaço escolar, com uma configuração própria, formadas pelos diversos cargos e funções. A partir desse estudo observa-se que, ao professor, persiste a ideia de um exercício profissional voltado à formação moral e escolarização das crianças. Nesta sociogênese, cada uma destas figurações (gestores, discentes, docentes, apoio educacional) estabelecem relações com figurações externas, como a família, secretarias, comunidades e etc.

Neste contexto, se pensa a escola de múltiplas maneiras, atribuindo-a variadas funções como a responsabilidade do professor, com a moralização, com as práticas de ensino, pelo processo de aprendizagem, pela modelagem de comportamento, pelo processo de civilização do aluno, dentre outros.

A compilação das pesquisas mostra que determinadas atribuições perpassam a história e outras são levantadas na contemporaneidade, nesta, aumenta-se as expectativas para com a educação, e atribuem novas responsabilidades ao professor. Dentro destas responsabilidades, e para o desempenho de suas funções, existem tensões internas e externas que devem ser enfrentadas pelo docente para a execução de suas atividades. Nas relações que são estabelecidas dentro da sociogênese da instituição, o docente vai se transformando de acordo com suas responsabilidades.

Assim, o professor relaciona-se com os coordenadores, estes com os diretores, com os membros de apoio e todos se relacionam mutuamente, desempenhando atividades interdependentes, modificando-se e (re)construindo-se a cada dia e a cada nova relação.

Nessa teia institucional formam-se personalidades e comportamentos próprios, a partir de um controle externo (as pressões de pais e membros da instituição para o desempenho de suas atividades) e controle interno (as mudanças que estas pressões provocam no comportamento humano), como observado por Elias (1993).

Assim se formam no desempenho de suas próprias funções, absorvendo códigos, controlando pulsões e dando origem a uma forma de ser professor. Por isso, arrisca-se falar que as exigências e funções atribuídas ao professor, ao criar o controle interno, apresentam diferentes pesos e medidas, havendo aquele nexos social que mais influencia no exercício profissional.

De tal modo, a personificação é mais significativa no processo de construção, esta representada pela família, pelo gestor, pela comunidade, pessoas que contribuem na sociogênese



escolar, com crenças, costumes e valores individuais, que convergem na contribuição da configuração do espaço escolar.

Conclui-se com as ideias de Hunger, Rossi e Souza Neto (2011, p. 708):

As configurações na escola são um padrão mutável criado pelo conjunto de professores, alunos, diretores, pais, supervisores, funcionários, ministros etc., não só por seus intelectos, mas, principalmente, pelo que eles são no todo, na totalidade de suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. O indivíduo (professor) é o que é porque pertence a um grupo social, pois tudo o que ele (professor) se torna dá-se em relação aos outros.

Podemos afirmar que somos seres sociais, o professor é um ser social, mas também singular. Mas por que isso acontece? Porque somos ativos, e interdependentes, mesmo nessa teia de inter-relações que nos permite múltiplas aprendizagens e constantes reconstruções.

Assim se faz o professor, tecido e tecendo sua teia de relações no ritmo de tensões propostas entre docentes, discentes, coordenadores, gestores, familiares, contribuintes e etc.

Assim se faz um professor, diante das expectativas de famílias que lhe atribuem um valor social; de um aluno que contribui para sua constante reconfiguração em sala de aula.

Assim se faz um professor, que antes de ser inserido no contexto da sala de aula recebeu uma formação singular, que construiu, baseado em sua criação primária, a ideia do que é ser professor.

Assim se faz um professor, “com um longo e infinito caminho de formação [...]” (SANTOS; FELDENS, 2018). Recebendo contribuições que o fundamenta e constitui da sociogênese pertencida (o contexto escolar) e das relações que tecem.

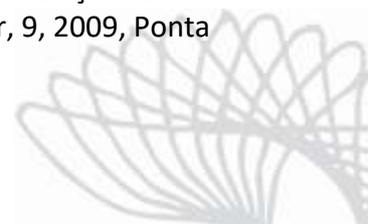
Assim se faz um professor, profissão milenar, que carrega ideologias de contextos políticos, sociais, pessoais, morais; que sofre e provoca mudanças dentro de um espaço-tempo, ao mesmo tempo que carrega conhecimentos e comportamentos dentro de espaços-tempos.

Assim se faz um professor, singular e múltiplo, histórico e atemporal.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Grupos escolares em Sergipe(1911-1930):** Cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFERN, 2009.

BARBOSA, Sergio Servulo Ribeiro. A psicogênese nas obras de Norbert Elias e a sua relação com a educação no processo civilizatório. *In: Simpósio Internacional Processo Civilizador*, 9, 2009, Ponta



Grossa. **Anais [...]** Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art21.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BERLOFFA, Viviane de Oliveira; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A constituição dos Grupos Escolares no período republicano: perspectivas de modernização da sociedade brasileira. *In*: Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação, 11, 2012, Maringá. **Anais [...]** Paraná, 2012. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_01/009.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

BRASIL, **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. A teoria dos processos de civilização e o controle das emoções. **Rev. Conexões**, v.6, p. 97-111, 2001. Disponível em: 10.20396/conex.v1i1.8640808. Acesso em 15 fev. 2020.

BRITO, Regivane dos Santos; PRADO, Jany Rodrigues; NUNES, Claudio Pinto. As condições de trabalho docente e o pós-estado de bem-estar social. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 10, n. 23, p. 165-174, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v10i23.6676>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BULGRAEN, Vanessa Cristina. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Rev. Conteúdo**, v.1, n.4, ago./dez. 2010. Disponível em: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CELIO SOBRINHO, Reginaldo; ALVES, Edson Pantaleão. A relação família e escola em um contexto de escolarização do aluno com deficiência: reflexões desde uma abordagem sociológica figuracional. **Educar em revista**, n.49, p. 323-338, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000300018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mar. 2020.

CELIO SOBRINHO, Reginaldo. Tensões que movem a balança de poder na figuração família, escola e gestores públicos da educação especial no Estado do Espírito Santo/Brasil. *In*.: Simpósio Internacional Processos Civilizadores: Civilidade, Fronteira e Diversidade e Seminário do Grupo de Pesquisa, 14, 4, 2012, Dourados. **Anais [...]** Dourados, 2012. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Mesa_Coordenada/Trabalhos_Completos/Reginaldo_Sobrinho.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020.

CHARLOT, Bernard. A mobilização no exercício da profissão docente. **Rev. Contemp. De Educação**, v. 7, n. 13, p. 9-25, jan./jul. 2012a. Disponível em: <https://doi.org/10.20500/rce.v7i13.1655>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CHARLOT, Bernard. Pressupostos e exigências para uma prática pedagógica “emancipatória” na contemporaneidade. **Rev. Da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 21, n. 37, p. 229-238, jan./jun. 2012b. Disponível em:



<http://cienciaparaeducacao.org/publicacao/pressupostos-e-exigencias-para-uma-pratica-pedagogica-emancipatoria-na-contemporaneidade>. Acesso em: 30 jan. 2020.

CONCEIÇÃO, Verônica Alves dos Santos; PORTO, Cristiane de Magalhães; OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus. Eu narro. Quer narrar comigo? Novas formas de leitura e escrita com implicações na formação docente. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, 11(01), 187-201. 2018. Disponível em: < <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i01.9574>> Acesso em 27 de Mar. 2020.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Rev. Sociedade e Estado**, v.27, n.3, p. 469-93, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mar. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000300003>.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Trad. De Plínio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 112.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 174.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: A formação do estado e civilização. Trad. Sob a direção de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2. p. 308.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. Trad. Sob a direção de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1. p. 264.

ESTEVES, Manuela. Para um desenvolvimento profissional do professor ao longo da vida. **Rev. Educ. Foco**, Minas Gerais, n.23, p.17-44, jul. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24934/eef.v17i23.529>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FERNANDES, Priscila; VIANA, Gabriel; SCARELI, Giovana. O espaço sempre inacabado tornar-se professor: a construção do meio. **Rev. Educ. Foco**, Juiz de Fora, v.21, n.1, p.215-236, mar./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22195/2447-524620162119664>. Acesso em: 18 jan. 2020.

FINO, Carlos Nogueira. Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 13-22, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4959>. Acesso em: 17 mar. 2020.

HUNGER, Dagmar; ROSSI, Fernanda; SOUZA NETO, Samuel de. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Rev. Educação e Pesquisa**, v.37, n.4, p. 697-710, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022011000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 fev. 2020.

LEITE, Fernanda Moreira; PESSOA, Manuella Castelo Branco; SANTOS, Denise Pereira dos; ROCHA, Gabriela Fernandes; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira. O sentido da escola: concepções de estudantes adolescentes. **Rev. Psicologia escolar e educacional**, v.20, n.2, p. 339-358, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200339&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jan. 2020.
<https://doi.org/10.1590/2175-353920150202983>.



MAKNAMARA, Marlécio. Tornando-me um professor de biologia: memórias de vivências escolares. **Rev. Educ. Foco**, Juiz de Fora, v.21, n.2, p. 495-522, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22195/2447-524620162119730>. Acesso em: 18 fev. 2020.

MORGADO, José Carlos. O professor como decisor curricular: de ortodoxo a cosmopolita. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 55-64, 10 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4964>. Acesso em 10 mar. 2020.

PACHECO, José Augusto; SOUSA, Joana. O (pós) crítico na Desconstrução Curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 65-74, 4 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4971>. Acesso em 25 mar. 2020.

PANTALEÃO, Edson; GOMES, Núbia Rosetti Nascimento; CARVALHO, Elaine. Interdependência na figuração família-escola na inclusão do estudante com deficiência. **Rev. Crítica educativa**, v.1, n.2, p. 66-81, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22476/revcted.v1i2.45>. Acesso em: 14 jan. 2020.

PEDRO, Neuza. Ambientes educativos inovadores: o estudo do fator espaço nas 'salas de aula do futuro' portuguesas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 99-108, 10 out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v10i23.7448>. Acesso em: 16 fev. 2020.

RECCO, Kethylin Viotto; SOUZA-NETO, Samuel; VEDOVATTO-IZA, Dijnane Fernanda. O trabalho docente na educação infantil: os desafios do processo de profissionalização do ensino. **Rev. Educ. Foco**, Juiz de Fora, v.21, n.2, p. 447-474, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19728>. Acesso em: 21 jan. 2020.

RUDD, Tim; GOODSON, Ivor F. Refraction as a Tool for Understanding Action and Educational Orthodoxy and Transgression. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 99-110, 11 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v9i18.4968>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SAMPAIO, Andrecksia Viana Oliveira; BENEDICTIS, Nereida Maria Santos Mafra de; OLIVEIRA, Luciana Amorim de; SAMPAIO, Vilomar Sandes. A contribuição das narrativas autobiográficas para as discussões sobre formação docente. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 11, n. 25, p. 241-250, abr./jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v11i25.7619> | ISSN: 2358-1425 (versão online).

SANTOS, Aldenise Cordeiro; FELDENS, Dinamara. Garcia. Vozes Do Triunfo: Narrativas De Si De Professoras Da Educação Básica. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, 11(01), 379-392. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20952/revtee.v11i01.9666>> Acesso em 27 de Mar. 2020.

SILVA, Francisco Oliveira da; MARQUES, Michele Rodrigues Marques. Espaço escolar sob a visão das crianças: narrativas, percepções e representações. **Revista Tempos E Espaços Em Educação**, 13(32), 1-19. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.11853>> Acesso em 27 de Mar. 2020.

VEIGA, Cynthia Greive. A civilização dos professores: emoções e poder no processo de institucionalização da profissão docente. *In.*: Simpósio Internacional Processos Civilizadores: Cívildade, Fronteira e Diversidade e Seminário do Grupo de Pesquisa, 14, 4, 2012, Dourados. **Anais [...]** Dourados, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo->



[estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Mesa_Coordenada/Trabalhos_Completos/Cynthia_Greive.pdf](#). Acesso 08 mar. 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Cláudia Santana Santos

Mestrado em Educação, Universidade Federal de Sergipe (UFS); Fonoaudióloga Clínica; Grupo de Pesquisa: A Construção da linguagem, patologias e a prática clínica.

E-mail: claudia.santana@live.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3578-7961>

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Doutorado em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Professora Associada do Departamento de Fonoaudiologia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil; Grupo de Pesquisa: A Construção da linguagem, patologias e a prática clínica.

E-mail: rosanagivigi@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6592-0164>

Recebido em: 15/02/2020

Aprovado em: 25/03/2020

Publicado em: 02/04/2020

